

Reportagem especial

• Estadão / Economia

# Baixa cobertura de seguros deixa agronegócio mais suscetível a danos por crise climática

Impacto de mudanças é subavaliado nas emissões de dívidas, analisam agências de rating; situação ocorre sobretudo em setores mais expostos a eventos extremos

30/12/2025 | 12h00 • Atualização: 31/12/2025 | 14h11

## Baixa cobertura de seguro expõe agro à crise climática

*Nas emissões de dívidas, o impacto de mudanças, que levam a eventos extremos, é subavaliado, analisam agências de rating*

A baixa cobertura de seguros diante da maior frequência de eventos climáticos extremos deixa o setor do agronegócio brasileiro mais suscetível a danos. "O que observamos é um grande gap de proteção. Falta seguro enquanto os eventos climáticos crescem de forma acelerada", ressalta o presidente da Confederação Nacional das Seguradoras (CNseg), Dyogo Oliveira.

Segundo ele, o seguro rural em 2025 cobriu menos de 3% da área plantada do País, um retrocesso em relação ao apurado no ano anterior, quando o porcentual foi de pouco mais de 6%. Nos Estados Unidos, o programa federal de seguro agrícola, o Federal Crop Insu-

rance Program (FCIP, na sigla em inglês), cobre cerca de 90% da área plantada, diz a CNseg.

Das perdas econômicas provocadas por desastres climáticos no Brasil, estima-se que cerca de 9% estejam cobertas por seguros. No Norte e no Nordeste, esse porcentual é inferior a 2%, segundo estudo feito pela CNseg com as seguradoras associadas. Em países desenvolvidos, a taxa média de cobertura varia entre 20% e 55%, a depender da metodologia adotada.

As agências de classificação de risco veem o seguro rural caro, pouco difundido e insuficiente. Na avaliação da Fitch Ratings, o custo do seguro se tornou proibitivo para grande parte dos produtores. O diretor sênior Renato Donatti explica que a combinação de juros elevados, margens e prêmios caros torna inviável seguir toda a área agrícola. "Quando você tem juros de 15% e um prêmio alto de seguro, isso vi-

### Contrastes

**3%** é o porcentual a que o seguro rural não chegou a atingir em 2025 na cobertura da área plantada do País

**6%** é uma marca que o seguro rural tinha superado em 2024, o que evidencia um retrocesso, alerta a CNseg

**90%** é o porcentual aproximado da área plantada nos EUA coberta pelo programa federal, o Federal Crop Insurance

ra um entrave. A rentabilidade não comporta o custo", diz.

"O Brasil não possui seguros de risco climático em larga escala para a agricultura. Isso já faz parte do business no exterior", afirma a diretora-geral da

S&P, Julyana Yokota. "Temos tido mais eventos, mas não é como em outros lugares. Secas acontecem, mas não com a mesma regularidade que, por exemplo, na Austrália e na Califórnia, onde há consequências todos os anos. Então, como o risco não é tão latente, acabava priorizando outros fatores."

**MERCADO NASCENTE.** Enquanto isso, boa parte das perdas provocadas por ondas de calor, secas e suas consequências segue sendo absorvida pelos produtores. Mas não só. Os prejuízos também são incorporados pelas empresas da cadeia e pelos bancos que financiam a atividade.

Jennifer Chang, vice-presidente sênior de Crédito da Moody's, alerta que os riscos físicos climáticos podem gerar efeitos colaterais relevantes para o sistema financeiro. "As seguradoras estão tentando limitar o próprio risco, se retratando dessas regiões de risco elevado, aumentando os prêmios das apólices ou limitando o pacote de seguros. Isso gera uma transferência de risco aos residentes, comerciantes da região, até mesmo ao próprio Estado", afirma.

André Messa, analista sê-

nior da Austin Ratings, destaca que o Brasil ainda está no início do desenvolvimento de seguros paramétricos, seguros de crédito climático e outros instrumentos essenciais para estruturar lastros agrícolas mais resilientes. "O ideal seria a indústria de seguros aqui no Brasil estar mais desenvolvida para conseguir mitigar esses riscos desses lastros oriundos do crédito agrícola", afirma.

**Reclassificação**  
**Construção e mineração**  
**são outros segmentos tidos como altamente sensíveis ao aquecimento global**

Segundo Hazem Krichene, economista sênior de clima da seguradora Allianz Trade, a fragilidade da cobertura é especialmente preocupante em atividades mais sensíveis ao estresse térmico, como agricultura, construção e mineração. "Clasificamos esses setores como altamente sensíveis ao risco físico gerado pelo calor. Isso já entra na análise de seguros", diz. ■ GABRIEL GONÇALVES, JOÃO BITENCOURT, LETÍCIA CORREIA, MIREILLE CARVALHO E RAFAEL SOTEROLI. CURSO ESTADÃO/BROADCAST DE JORNALISMO ECONÔMICO